

Recebido em: 08/09/2022  
Aprovado em: 07/06/2023  
Publicado em: 17/10/2023

## A ESPECIFICIDADE DO PENSAMENTO ITALIANO SEGUNDO REMO BODEI E ROBERTO ESPOSITO

### THE WAYS OF SPECIFICITY ON ITALIAN PHILOSOPHY FROM REMO BODEI AND ROBERTO ESPOSITO

Isabella Holanda<sup>1</sup>  
([isabella.holanda93@gmail.com](mailto:isabella.holanda93@gmail.com))

**Resumo:** Este trabalho visa discutir em que consiste a especificidade do pensamento italiano tal qual descrita por Remo Bodei (2004) e Roberto Esposito (2010). A partir desta proposta, partiremos das seguintes questões. É possível falar de uma especificidade do pensamento italiano? Se sim, qual o tipo de especificidade desse pensamento na Itália? De acordo com esses autores, a filosofia italiana se comporta de um modo original se tomada em comparação com as demais tradições europeias. Dito isso, será abordada a especificidade do pensamento italiano no aspecto da linguagem e da razão, nos textos “*Pensiero vivente*”, de Roberto Esposito e “*Italian. a philosophy for Nonphilosophers too*”, de Remo Bodei.

**Palavras-chave:** Filosofia italiana. Esposito. Bodei. Filosofia da Linguagem.

**Abstract:** This work aims to discuss the specificity of Italian thought as described by Remo Bodei (2004) and Roberto Esposito (2010). From this proposal, we'll start from these questions: Is it possible to speak of a specificity of Italian thought? If so, what is the specificity of this thought in Italy? According to these authors, Italian philosophy behaves in an original way, compared to other European traditions. They mean to say that there is a specificity of Italian thought in terms of philosophy of language and in the concept of reason in the texts “*Pensiero vivente*”, from Roberto Esposito and “*Italian. a philosophy for Nonphilosophers too*”, from Remo Bodei.

**Keywords:** Italian Philosophy. Esposito. Bodei. Philosophy of Language.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende responder às seguintes questões propostas: como podemos examinar e mostrar a especificidade da filosofia de um determinado local? E como seria possível

<sup>1</sup> Doutora em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade de Brasília – UnB. Mestra e Graduada em Filosofia pela mesma instituição.  
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3716829977509010>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8603-9376>.



falar da especificidade de uma filosofia italiana? E quais seriam as peculiaridades de uma filosofia italiana? Como é possível averiguar se, de fato, há alguma especificidade no pensamento italiano? Ou mesmo se “existe qualquer coisa como uma filosofia italiana?” (ESPOSITO, *Pensiero Vivente*, 2010, p. 13, tradução nossa)<sup>2</sup>. Em *Pensiero vivente*, o filósofo Roberto Esposito assume como ponto de partida o diagnóstico das publicações recentes acerca do que poderia consistir a filosofia italiana. O filósofo enumera diversos autores e suas respectivas obras que se ocupam daquilo que se pretende consistir o pensamento italiano, na medida em que, estes assumem aquilo que Esposito designa sob o nome de *Italian Theory*<sup>3</sup>. A tentativa empreendida por Esposito é a de destacar diversas obras que se comprometem a elucidar no que consiste a diferença italiana<sup>4</sup>, conceito caro a *Italian Theory*, com vistas a expor uma teoria historiográfica da pretensa designação de uma filosofia italiana. Isso significa que Esposito não deseja fazer uma antologia aos moldes dos autores citados por ele, mas

[...] uma introdução ao pensamento italiano, uma explicação da sua relevância na vista teórica contemporânea, e um quadro de possíveis locais de investigação foram abertos por contemporâneos e clássicos da filosofia italiana (FRANCHI, 2013, p. 20, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Ora, se é possível afirmar uma diferença italiana, a investigação de Esposito nos conduz aos problemas enfrentados pelas diferentes vertentes da filosofia contemporânea<sup>6</sup>, com o objetivo de mostrar o modo como o pensamento italiano parece não recair nos problemas enfrentados pelas demais tradições europeias do século XX, tais como o problema da linguagem.

<sup>2</sup> “Esisto qualcosa come una ‘filosofia italiana’” (ESPOSITO, 2010, p. 13).

<sup>3</sup> Literalmente “Teoria Italiana”.

<sup>4</sup> Esposito aponta três obras que se comprometem a uma leitura da filosofia italiana. A primeira delas, *Recording Metaphysics - The New Italian Philosophy* de Borradori, mostra que há uma carência linguística e histórica no pensamento italiano e isso constituiria a diferença italiana (ESPOSITO, 2010). A segunda obra, *Radical Thought in Italy. A Potential Politics* de Hardt e Virno, se refere a uma antologia influenciada pelo contexto político dos anos 60 e 70 do século XX. Na qual uma *Italian Theory* é expressada como deficiente, do ponto de vista histórico, frente ao contato com a globalização. Essas duas antologias mencionadas se comprometem a mostrar a influência do fascismo no pensamento italiano. A terceira obra, *The Italian Difference between Nihilism and Biopolitics* de Chiesa e Toscano, tenta reconectar a filosofia italiana aos debates internacionais através da tematização dos conceitos de Niilismo e Biopolítica (ESPOSITO, 2010).

<sup>5</sup> “An introduction to Italian thought, an explanation of its relevance in the contemporary theoretical landscape, and a chart of possible venues of inquiry opened up by contemporary and classic Italian philosophy” (FRANCHI, 2013, p. 20).

<sup>6</sup> As correntes enumeradas por Esposito são o pós-estruturalismo, a Escola de Frankfurt ou teoria crítica, a hermenêutica e a filosofia analítica da linguagem.

A filosofia analítica da linguagem, a hermenêutica e a Escola de Frankfurt, segundo Esposito, sucumbiram à extrema especificidade do seu jargão, isto é, não conseguiram ampliar as suas discussões para um público mais amplo. Enquanto, o pós-estruturalismo se fechou “em um círculo de formulação frequentemente brilhante, mas ao fim repetitiva, senão também autorreferencial” (ESPOSITO, 2010, pp. 06-07, tradução nossa)<sup>7</sup>. O ponto comum dentre essas correntes filosóficas seria a exposição acerca da linguagem que leva a um emaranhado de problemas de ordem ontológica, epistêmica, metafísica, social e política. O papel central da linguagem é abordado por Esposito como:

De qualquer parte que se olhe para o quadro filosófico de nosso tempo - da lógica à fenomenologia, da pragmática ao estruturalismo - a linguagem aparece como o epicentro de todas as trajetórias do pensamento, se não completamente como ‘a casa do ser’ em uma perspectiva que se adianta além mesmo da ontologia heideggeriana, até abarcar o âmbito da ação (em Apel e Habermas, mas também em Austin e Searle), da subjetividade (em Gadamer e Ricoeur), do inconsciente (em Lacan) (ESPOSITO, 2010, p. 08, tradução nossa)<sup>8</sup>.

O século XX pode ser descrito na história da filosofia como o século da linguagem. Para Esposito, o modo como diferentes correntes filosóficas tematizaram a linguagem provocou uma crise na própria filosofia. Se cada corrente filosófica se dedica a uma exposição distinta acerca da constituição e do papel da linguagem, portanto, não há univocidade acerca da questão. Essa crise na filosofia colapsa em uma “consequência antifilosófica, ou, ao menos, pós filosófica, que elas pressupõem e, ao mesmo tempo, a provocam” (ESPOSITO, 2010, p. 08, tradução nossa)<sup>9</sup>, qual seja, a filosofia se coloca numa esfera da “autocrítica, de confronto [com] as próprias teses anteriormente hegemônicas a respeito de um *real* colocado fora de seu alcance” (ESPOSITO, 2010, p. 09, tradução e grifos nossos)<sup>10</sup>. O que Esposito pretende dizer é que a filosofia contemporânea se afirmou somente se negando (ESPOSITO, 2010), *i.e.*, não chegou a nenhum resultado com

<sup>7</sup> “Chiudersi in un circuito di formulazioni spesso brillanti, ma alla fine ripetitive se non anche autoreferenziale” (ESPOSITO, 2010, pp. 6-7).

<sup>8</sup> “Da qualunque parte si guardi al quadrante filosofico del nostro tempo – dalla logica alla fenomenologia, dalla pragmatica alla strutturalismo – il linguaggio appare l’epicentro di tutte le traiettorie del pensiero, se non addirittura come la ‘casa dell’essere’ in una prospettiva che si spinge anche oltre l’ontologia heideggeriana, fino a coinvolgere l’ambito dell’azione (in Apel e Habermas, ma anche in Austin e Searle), della soggettività (in Gadamer e Ricoeur), dell’inconscio (in Lacan)” (ESPOSITO, 2010, p. 8).

<sup>9</sup> “La conseguenza antifilosofica, o almeno postfilosofica, che esse presuppongono e nello stesso tempo provocano” (ESPOSITO, 2020, p. 08).

<sup>10</sup> “Autocritico, di confutare le proprie pretese egemoniche rispe” (ESPOSITO, 2010, p. 09).

assentimento teórico razoável entre seus teóricos. Essa falta de assentimento acerca das reflexões em filosofia acaba conduzindo-a para um campo de batalha de discussões acerca do que de fato pode ser considerado filosofia ou não filosofia (FRANCHI, 2013), o que constituiria uma aporia<sup>11</sup>. Esse quadro ilustrado por Esposito possui uma contrapartida, que é o caso específico da filosofia italiana, como veremos a seguir.

O que chama atenção no pensamento italiano no século XX foi a sua capacidade de escapar de tal aporia. Isso não significa que a filosofia italiana tenha se posicionado como alheia às questões relativas à linguagem ou mesmo que ela não tenha dialogado com as demais tradições em voga da filosofia da linguagem. A partir desse raciocínio, Esposito pretende descrever no que consiste essa diferença italiana no aspecto da linguagem, a partir de uma breve exposição histórica, pois a pesquisa filosófica na Itália se ocupou com a questão da linguagem “desde a sua origem - já a partir de Dante e por todo o período humanista, até Vico” (ESPOSITO, 2010, p. 09, tradução nossa)<sup>12</sup>. Desse modo, Esposito tenta mostrar o aspecto constitutivo da linguagem na vida humana ou como a filosofia da linguagem italiana foi capaz de estabelecer a ligação entre linguagem e experiência humana, isso só é possível porque a filosofia italiana lida com a linguagem comum e usual, no sentido do fazer filosófico, sem se deparar com a tradição “que domina a toda a semântica da modernidade tardia que é, precisamente, conectada com a sua subordinação a esfera linguística” (ESPOSITO, 2010, p. 06, tradução nossa)<sup>13</sup>, em outras palavras, a filosofia da linguagem italiana não se debruçou com as questões acerca da análise lógica da linguagem<sup>14</sup> através dos conceitos de analítico e de sintético<sup>15</sup>, como categorias *a priori* perpassadas pela razão pura kantiana<sup>16</sup>, já que a essa reflexão falta o elemento histórico. A filosofia italiana se distingue da hermenêutica por não

<sup>11</sup> Um trecho que contribui para essa interpretação acerca de Esposito é o seguinte: “se este é o horizonte interno do qual o pensamento contemporâneo experimenta ao mesmo tempo a sua profundidade e os seus limites, se pode dizer que boa parte da filosofia italiana se lhe mantém externa” (ESPOSITO, 2010, p. 09, tradução nossa). No original, “se questo è l’orizzonte all’interno del quale il pensiero contemporaneo sperimenta allo stesso tempo la sua profondità e il suo limite, si può dire che buona parte della filosofia italiana gli rimanga esterna” (ESPOSITO, 2010, p. 09).

<sup>12</sup> “Già a partire da Dante e poi per tutta la stagione umanistica, fino a Vico” (ESPOSITO, 2010, p. 09).

<sup>13</sup> “Che domina tutta la semantica della tarda modernità, ha una connessione precisa con la sua subordinazione alla sfera del linguaggio” (ESPOSITO, 2010, p. 06).

<sup>14</sup> Acerca disso, v. CARNAP. R. *The Logical Structure of the World and Pseudoproblems in Philosophy*. Trad. Rolf A. George. University of California Press. 1967. V. também WITTGENSTEIN. L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp. 2017.

<sup>15</sup> Acerca disso, v. QUINE. W. van O. *De um ponto de vista lógico: nove ensaios lógico-filosóficos*. Trad. Antonio Ianni Segatto. Marília: Editora Unesp. 2011.

<sup>16</sup> Acerca disso, v. KANT. I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Editora Vozes. 2015.

fornecer às suas reflexões a primazia absoluta da linguagem: ela comporta toda a experiência humana e a experiência humana só é possível graças a ela. Para a filosofia italiana, a linguagem é importante para a experiência do mundo, mas não é apenas ela a fornecedora da experiência humana, pois a biologia também assume papéis na vida humana. Esposito atribui o diagnóstico para a tradição filosófica contemporânea como aquela que “afirma a si mesma apenas negando-se” (ESPOSITO, 2010, p. 06, tradução nossa)<sup>17</sup>, como um movimento dialético, não apenas em relação a linguagem, mas também na metafísica e na epistemologia. A filosofia italiana poderia se colocar como distinta das reflexões usuais da filosofia da linguagem por operar categorialmente o “ponto de encontro entre natureza e mutação, invariância e diferença, biologia e história” (ESPOSITO, 2010, pp. 09-10, tradução nossa)<sup>18</sup>, isto é, a linguagem na filosofia italiana opera a tensão entre âmbitos diferentes ou mesmo contraditórios<sup>19</sup>, convertendo o *a priori* da filosofia pura em uma primazia do *a posteriori* que lida com elementos empíricos da razão e da linguagem humana perpassados historicamente. Em relação a tradição hermenêutica<sup>20</sup>, a filosofia da linguagem italiana deseja “reconstruir a relação que a liga, por um lado, a camada biológica da vida e, por outro, a ordem móvel da história” (ESPOSITO, 2010, p. 11, tradução nossa)<sup>21</sup>, isto é, a filosofia italiana reconhece a importância da linguagem, mas não a isola ou mesmo a separa dos demais aspectos da experiência humana, mas sim, entrelaça a linguagem na vivência histórica e política do que constitui o humano. E mais, nos moldes teorizados pela filosofia italiana, a linguagem pôde se “situar no interior de um horizonte mais amplo, caracterizado em sentido biológico ou de um realismo ontológico” (ESPOSITO, 2010, p. 10, tradução nossa)<sup>22</sup>. A própria filosofia analítica, nos últimos anos, vem se debruçando sobre questões biológicas, na medida em que, tenta conectar as suas reflexões com as pesquisas em ciências cognitivas, portanto, esse aspecto contribui para a interpretação de Esposito.

<sup>17</sup> “Si afferma solo negandosi” (ESPOSITO, 2010, p. 06).

<sup>18</sup> “Il punto di sutura tra natura e mutamento, invarianza e differenza, biologia e storia” (ESPOSITO, 2010, pp. 09-10).

<sup>19</sup> O desenvolvimento dessa capacidade da filosofia italiana de lidar com elementos contraditórios será apresentada mais adiante através da minha leitura de Remo Bodei.

<sup>20</sup> Acerca disso, v. HEIDEGGER, M. *Ontologia: (Hermenêutica da faticidade)*. Trad. Renato Kirchner. Petrópolis: Editora Vozes. 2013.

<sup>21</sup> “Ricostruire la relazione che lo lega da un lato alla falda biologica della vita e dall’altro all’ordine mobile della storia” (ESPOSITO, 2010, p. 11).

<sup>22</sup> “È situato all’interno di un orizzonte più ampio, caratterizzato in senso biologico o di realismo ontologico” (ESPOSITO, 2010, p. 10).

Outra especificidade da linguagem teorizada pela filosofia italiana é a questão simbólica. “O feminismo italiano primariamente se empenhou na redescoberta simbólica da linguagem, começa a sentir a inadequação do horizonte linguístico com respeito a algo irredutivelmente corpóreo” (ESPOSITO, 2010, p. 10, tradução nossa)<sup>23</sup>, ou seja, a linguagem está sempre em contato com elementos cotidianos da vida mundana. Após enumerar todos esses aspectos da filosofia da linguagem italiana, Esposito se compromete a afirmar que a filosofia italiana desenvolveu uma nova virada linguística, isto é, toma a linguagem em “referência ao paradigma da vida” (ESPOSITO, 2010, p. 10, tradução nossa)<sup>24</sup>. A filosofia da linguagem italiana não apenas teoriza aspectos inerentes à linguagem<sup>25</sup>, mas lida também com a historicidade que se expressa em situações da vida cotidiana conjuntamente com aspectos da epistemologia<sup>26</sup>:

Certamente, trabalho e linguagem formaram as condições de possibilidade para a constituição dos nascentes saberes da biologia, da economia e da linguística. E, todavia, eles não se situariam na esfera da subjetividade, mas antes em uma relação complexa, feita de da inerência e da tensão, com o mundo da história [...] A historicidade penetra profundamente na linguagem da natureza e na constituição dos seres vivos [...] Estar no jogo, nesse ponto de vista, não é simplesmente a condição de possibilidade de vários saberes, mas também, seus efeitos performativos (ESPOSITO, 2010, pp. 10-11, tradução nossa)<sup>27</sup>.

Todos os saberes acima mencionados partem da condição da própria linguagem: uma relação entre objetividade e subjetividade que constituinte desses saberes. Esposito, ao fim, trata da relação entre filosofia da linguagem italiana e essas outras formas de saber, especificando que, a filosofia italiana privilegiou o diálogo de variadas áreas do conhecimento humano, numa espécie

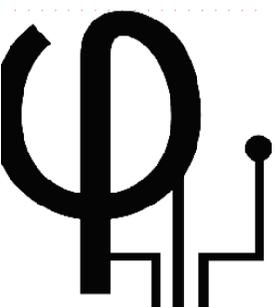
<sup>23</sup> “Il femminismo italiano, inizialmente impegnato in una riscoperta del linguaggio simbolico, comincia ad avvertire l’inadeguatezza dell’orizzonte linguistico rispetto a qualcosa di irriducibilmente corporeo” (ESPOSITO, 2010, p. 10).

<sup>24</sup> “Fa capo al paradigma di vita” (ESPOSITO, 2010, p. 10).

<sup>25</sup> Para Stefano Franchi, Esposito interpreta a filosofia da linguagem italiana “em uma necessária conexão com o mundo extra linguístico” (FRANCHI, 2013, p. 21, tradução nossa). No original: “

<sup>26</sup> Esposito faz referência ao método empregado por Foucault. Este tematizou a linguagem como uma relação de elementos epistêmicos transcendentais com as experiências da vida e do trabalho. Para Foucault, a linguagem seria capaz de operar simultaneamente como transcendental e histórica. Acerca dessa discussão, v. ESPOSITO, *Pensiero vivente*, 2010, p. 10.

<sup>27</sup> “Certo vita, lavoro e linguaggio sono state le condizione di possibilità per la costituzione dei nascenti saperi della biologia, dell’economia e della linguistica. E tuttavia essi non si situavano nella sfera della soggettività, ma piuttosto in una relazione complessa, fatta di inerenza e di tensione, col mondo della storia (...) la storicità penetrava profondamente nella lingua della natura e nella costituzione del vivente (...) A essere in gioco, da questo punto di vista, non sono semplicemente le condizioni di possibilità dei vari saperi, ma anche i loro effetti performativi” (ESPOSITO, 2010, pp. 10-11).



de multidisciplinaridade. O filósofo Remo Bodei<sup>28</sup>, como veremos a seguir, também segue na linha de interpretação de que a filosofia italiana foi construída através da interlocução com saberes diferenciados.

Finalmente, a especificidade da filosofia italiana poderia, nessa visão de Esposito, ser caracterizada por adotar certo aspecto “transcendental”: como uma relação entre biologia e história, entre vida e temporalidade. Para Esposito, “uma outra passagem - situada precisamente no ponto de intersecção entre vida e história - que é constituída pela política” (ESPOSITO, 2010, p. 11, tradução nossa)<sup>29</sup>. A política constitui na práxis a “matéria do conflito” (ESPOSITO, 2010, p. 11, tradução nossa)<sup>30</sup>, pois constitui a instância civil, além de como e de que maneira os indivíduos resolvem ou não entre si potenciais situações de conflito na vida cotidiana. Em resumo, três aspectos fundamentais constituem a especificidade da filosofia da linguagem desenvolvida na Itália: i) a dimensão histórica, ii) a questão biológica inerente à vida humana e iii) a política como dimensão dos conflitos. Esses três aspectos indicados por Esposito correspondem historicamente a uma “radicalização profunda em uma tradição já de início construída em torno da categoria às quais fazia referência” (ESPOSITO, 2010, p. 12, tradução nossa)<sup>31</sup>, ou seja, constituem o aspecto próprio da filosofia italiana no período moderno. Já para Bodei, o pensamento italiano se destaca pelo seu aspecto lexicográfico e é aqui que as duas interpretações dos filósofos se diferenciam. Sistematizamos o esquema abaixo, para dizer que:

---

<sup>28</sup> Remo Bodei faz uma análise de um ponto de vista histórico, para mostrar que a filosofia italiana no seu modo de interlocução não privilegiou discutir problemas apenas com o público de filósofos, mas sim, que os filósofos italianos se preocuparam muito mais em abrir espaço para debates com o público de não filósofos, ou seja, não acadêmicos, ou mesmo com o público de técnicos. Para Bodei, um pensador italiano que obteve com maestria esse desempenho foi Dante: “Dante pôde atender um plano de organizar um banquete filosófico para atender o maior número possível de pessoas” (BODEI, 2004, p. 519, tradução nossa), no original da passagem citada “Dante made a plan to organize a philosophical banquet that the greatest possible number of people could attend”(BODEI, 2004, p. 519). Em resumo, para Bodei “a linguagem da filosofia italiana tenta ser incisiva e iluminar de um modo familiar (the language of Italian philosophy tries to be incisive and enlightening in a familiar mode)” (BODEI, 2004, p. 520, tradução nossa), a popularidade da adoção dos termos na filosofia italiana com vistas a alcançar um público maior não nega o aspecto lógico do modelo filosófico, mas também não exclui as expressões do uso comum, tal qual fez Dante. Nesse sentido, tanto para Esposito, quanto para Bodei, a filosofia fala apenas de si própria, ela não fala apenas para o público dos filósofos.

<sup>29</sup> “Un ulteriore passaggio – situato precisamente nel punto di incrocio tra vita e storia – costituito dalla politica” (ESPOSITO, 2010, p. 11).

<sup>30</sup> “Materia di conflitto” (ESPOSITO, 2010, p. 11).

<sup>31</sup> “Radicalmente profondo in una tradizione già dall’inizio costruita intorno alle categorie cui si è fatto riferimento” (ESPOSITO, 2010, p. 12).

- i. Os termos usados pela filosofia na Itália são os mesmos que aqueles usados na língua ordinária” (BODEI, 2004, p. 519, tradução nossa)<sup>32</sup>, mas cada autor italiano conferia a um termo uma especificidade própria;
- ii. Graças ao bilinguismo, o latim e o italiano (BODEI, 2004), adotado pelos pensadores italianos os termos empregados eram de fácil compreensão para o público de filósofos não italianos;
- iii. Os termos utilizados pelos autores italianos possuíam um aspecto intraduzível, graças à reinterpretação dos termos por cada autor e pela linguagem poética e artística utilizada nessa tarefa de conferir ao termo uma identidade singular (BODEI, 2004). A linguagem utilizada pelo pensamento italiano pode ser caracterizada como peculiarmente intraduzível;
- iv. A língua italiana pode ser devidamente reconhecida pelo seu aspecto de uma “linguagem da cultura” (BODEI, 2004, p. 519, tradução nossa)<sup>33</sup>, isso significa que, os aspectos do “melodrama, do teatro, e da literatura” (BODEI, 2004, p. 519, tradução nossa)<sup>34</sup> se desenvolveram muito mais na filosofia italiana do que em qualquer outra.

Acreditamos que Bodei tenha caracterizado satisfatoriamente a filosofia da linguagem italiana com os elementos (i), (ii) e (iv), mas não parece tão simples empreender a tarefa de manter a tensão entre a adoção de um conceito comum com um significado próprio<sup>35</sup>. É possível dizer que o elemento (iii) descrito acima não tenha sido explicado de um modo satisfatório por Bodei.

Em Esposito, o aspecto lexical empregado pela filosofia italiana mostraria uma especificidade que se encontraria no aspecto do confronto com o não filosófico (ESPOSITO, 2010). Esse elemento não filosófico apontado por Esposito é o da adoção de um estilo de escrita próprio da filosofia italiana, caracterizada como artística e literária, portanto, Esposito parece se aproximar do elemento (iv) apontado por nós no texto de Bodei. Para Esposito, as demais tradições filosóficas empregaram um “léxico especializado e autorreferencial (ESPOSITO, 2010, p. 12, tradução nossa)<sup>36</sup>, enquanto, a filosofia italiana elaborou um léxico, como dito anteriormente, não filosófico, comum, cotidiano, mundano, não especialista em conceitualizações exegéticas. A filosofia alemã, por exemplo, teorizou o uso de uma linguagem especulativa. Já a filosofia italiana, não visava destituir o elemento mundano na sua reflexão. Ao adotar esse estilo de escrita, Esposito crê que a filosofia italiana, conseguiu colocar-se para fora da aporia do século XX, essa interpretação corrobora o que foi dito anteriormente<sup>37</sup> que:

<sup>32</sup> “The concepts used in philosophy in Italy are the same as those used in ordinary language” (BODEI, 2004, p. 519).

<sup>33</sup> “Language of culture” (BODEI, 2004, p. 519).

<sup>34</sup> “Melodrama, theater, and literature” (BODEI, 2004, p. 519).

<sup>35</sup> “Os termos fundamentais do léxico da filosofia italiana eram comuns na tradição européia: onde eles eram distintivos na sua qualidade expressiva em que cada autor conferia a esses termos” (BODEI, 2004, p. 516, tradução nossa).

<sup>36</sup> “Lessico, specializzato e autoreferenziale” (ESPOSITO, 2010, p. 12).

<sup>37</sup> Para Esposito, a especificidade da filosofia italiana foi capaz de pôr-se para fora da aporia em virtude do seu léxico, dos seus pressupostos e da sua investigação civil.

[...] a impressão é que o nosso pensamento, para expressar um objeto irrepresentável no jargão filosófico profissional, adota um léxico de tempos em tempos diverso, de tipo político, histórico, poético, e depois se reconstitui, de forma invertida, dentro de cada um deles (ESPOSITO, 2010, p. 13, tradução nossa)<sup>38</sup>.

Com base na citação acima, os exemplos da operação da filosofia da linguagem italiana seria a do jargão e estilo de escrita empregados por pensadores italianos, tais como “Vincenzo Cuoco, Leopardi e DeSanctis – mas já de outras maneiras, de Maquiavel e Vico” (ESPOSITO, 2010, p. 13, tradução nossa)<sup>39</sup> que refletem a influência da literatura, do humanismo, da política mundana, da autonomia do pensamento na esfera pública e do retorno aos aspectos artísticos clássicos. Desse modo, a filosofia italiana da linguagem não se restringiu ao seu aparato conceitual se apoiando em “jargões filosóficos profissionais” (ESPOSITO, 2010, p. 13, tradução nossa)<sup>40</sup> mais abstratos, tais como, imperativo categórico<sup>41</sup>, jusnaturalismo<sup>42</sup>, realismo<sup>43</sup> etc. O compromisso desses filósofos italianos não se refere a sistemas metafísicos filosóficos que investigam as mediações do acesso do homem aos pares categoriais da sua experiência no mundo e das mediações aos objetos do mundo, mas com a maneira pela qual o homem se posiciona e interfere no mundo de forma prática e não totalmente reflexiva.

Para Bodei, a linguagem expressa pela filosofia italiana mostra que “o maior rigor matemático coexiste com o mais intenso páthos” (BODEI, 2004, p. 519, tradução nossa)<sup>44</sup>. Aparece aqui uma tensão operada pela linguagem, qual seja, a relação entre características opostas: “entre razão e imaginação, entre conceito e metáfora” (BODEI, 2004, p. 517, tradução nossa)<sup>45</sup>. Vico é mencionado por Bodei como aquele que conseguiu associar a lógica e a metáfora à sua filosofia. Uma lógica poética na sua obra *Ciência Nova (Scienza Nuova)* não abdicaria do modelo lógico-

<sup>38</sup> “L’impressione è che il nostro pensiero, per esprimere un oggetto irrepresentabile nel gergo filosofico professionale, adoperi un lessico di volta in volta diverso, di tipo politico, storico, poetico, per poi ricostituirsi, in forma rovesciata, all’interno di ciascuno di essi” (ESPOSITO, 2010, p. 13).

<sup>39</sup> “Cuoco, Leopardi e De Sanctis – ma già, per altri versi, di Machiavelli e Vico” (ESPOSITO, 2010, p. 13).

<sup>40</sup> “Gergo filosofico professionale” (ESPOSITO, 2010, p. 13).

<sup>41</sup> Acerca disso, v. KANT. I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad. Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Barcarolla. 2009.

<sup>42</sup> Acerca disso, v. HOBBS, T. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de uma República Eclesiástica e Civil*. Trad. João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva, Eunice Ostrensky. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2019. V. também ROUSSEAU. J. J. *Do Contrato Social ou Princípios do Direito Público*. Trad. Eduardo Brandão. Penguin. 2011.

<sup>43</sup> Acerca disso, v. BERKELEY. G. *Obras Filosóficas*. Tradução, apresentação e notas de Jaimir Conte. São Paulo: Editora Unesp. 2010.

<sup>44</sup> “The greatest mathematical rigor exists alongside the most intense pathos” (BODEI, 2004, p. 519).

<sup>45</sup> “Between reason and imagination, between concept and metaphor” (BODEI, 2004, p. 517).

matemático e, tampouco, da legitimidade da linguagem dos mitos, religião, paixões e arte” (BODEI, 2004, p. 520, tradução nossa)<sup>46</sup> para a filosofia. Na visão de Bodei, outro célebre exemplo de um pensador italiano que operou entre essas tensões, mas sem perder o tom poético, foi Dante. Em Dante, aparece a preocupação, dita anteriormente, de difundir a língua vulgar. Essa difusão mostraria a relação estabelecida por ele entre a filosofia e a linguagem. A Divina Comédia, por exemplo, conseguiu expressar a ideia de uma pedagogia filosófico-moral (BODEI, 2004).

Já a obra “Da linguagem vulgar” (*De vulgari eloquentia*) mostraria a preocupação de Dante com uma reconstrução da história da linguagem. Nessa obra, Dante separa dois âmbitos da linguagem como a linguagem vulgar (falada e natural ao homem) e a outra como a linguagem da gramática (normativa e artificial). Essa língua vulgar se comportaria como a “nossa primeira e verdadeira linguagem” (DANTE, 1957, p. 54), na medida em que o homem é o único ser capaz de falar. Em Dante, a fala humana é peculiar e só pertence como capacidade ao homem. Na visão de Bodei, a descrição da linguagem desenvolvida por Dante visaria o objetivo de tornar a linguagem poética cada vez mais acessível ao entendimento comum via idioma vulgar, i.e., o latim vulgar. Desse modo, o acesso às obras de reflexão humanas poderiam estar melhor dispostas para o público em geral e não apenas para poucos especialistas que se utilizam de uma marcação da linguagem pouco usual.

## 1 O ASPECTO DA DESTERRITORIALIZAÇÃO NO PENSAMENTO ITALIANO

Acerca da linguagem, Esposito chama a atenção para um outro aspecto: o da conexão entre filosofia e território. É possível falar de filosofia a partir de um determinado território? Se sim, então para se falar de uma filosofia italiana é preciso assumir que há, em certo grau, uma relação entre filosofia e território. Esposito mostra então que o pensamento italiano se move pela “dialética entre territorialização e desterritorialização (ESPOSITO, 2010, p. 22, tradução nossa)<sup>47</sup>, essa dialética justamente nos permite afirmar que Esposito não segue a interpretação aristotélica<sup>48</sup> acerca da linguagem: como inerente a qualidade do homem e cujos aspectos biológicos da constituição humana lhe permitem a linguagem, já que Aristóteles também não leva em

<sup>46</sup> “Myths, religion, passions, and art” (BODEI, 2004, p. 520).

<sup>47</sup> “Dialettica tra territorializzazione e deterritorializzazione” (ESPOSITO, 2010, p. 22).

<sup>48</sup> Acerca disso, v. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro. 2018.

consideração os aspectos históricos em relação a linguagem, tal qual o faz Esposito. Tampouco, Esposito segue a visão de autores como Fichte e Heidegger que trazem questões de caráter étnico inseridas em suas respectivas filosofias. Fichte, por exemplo, conecta o conceito de nação (alemã) com a esfera da linguagem. Enquanto Heidegger, mostra que a língua alemã “é a única língua moderna do pensamento” (ESPOSITO, 2010, p. 15, tradução nossa)<sup>49</sup>. Esposito *não possui pretensão alguma* de recair numa espécie de defesa do nacionalismo na filosofia. Por isso, o que importa é mostrar a “diferença entre uma semântica do território e aquela da nação” (ESPOSITO, 2010, p. 16, tradução nossa)<sup>50</sup>. Com essa diferenciação, o autor nos leva a crer que uma coisa seria falar dos aspectos do nacionalismo italiano<sup>51</sup> e outra coisa seria a abordagem da filosofia italiana sob a perspectiva da sua característica mais própria, ou seja, desterritorializada. Esposito assume fazer a segunda coisa.

Essa capacidade desterritorializante do pensamento italiano se mostra historicamente a partir da condição da Itália como potência marítima no período moderno, o que possibilitou para o pensamento italiano sair da própria Itália (ESPOSITO, 2010), pois geograficamente o território italiano recebeu o trânsito de diversos povos ao longo de muitos séculos, o que propiciou a adesão e a discussão de temas (que antes não se encontravam na Itália) que permitiram, “nessa descrição sintética, o originalidade plural e extroversão última do pensamento italiano” (ESPOSITO, 2010, p. 16, tradução nossa)<sup>52</sup>. A filosofia italiana se vale de aspectos da história da Itália, porém não se restringe exclusivamente a eles, mas comporta aspectos conceituais universais<sup>53</sup> que se encontram fora de uma análise territorialmente enviesada. Esse processo histórico no qual outras tradições filosóficas tomaram um maior contato com a filosofia italiana, perfaz aquilo que Esposito chama a

<sup>49</sup> “È l’única lingua moderna del pensiero” (ESPOSITO, 2010, p. 15).

<sup>50</sup> “La differenza tra la semantica del territorio e quella della nazione” (ESPOSITO, 2010, p. 16).

<sup>51</sup> “Não se situando no perímetro nacional, colocando-se para além da sua margem externa, desde o início o pensamento italiano percorreu um caminho diferente daquele das outras filosofias europeias. Para isso, no momento em que o tempo da nação perece, se não foi exaurida, ao menos foi discutido os seus pressupostos e efeitos, e pôde olhar para o futuro com uma maior capacidade de inovação. Isto também vale para a diferença italiana” (ESPOSITO, 2010, p. 23, tradução nossa), no original “Non situandosi nel perimetro della forma nazionale, ponendosi anzi ai suoi margini esterni, fin dall’inizio il pensiero italiano ha percorso una strada diferente da quella delle altre filosofie europee. Per ciò, nel momento in cui il tempo della nazione sembra, se non esaurito, quantomeno posto in discussione nei suoi presupposti e fini, esso può affacciarsi al futuro com uma maggiore carica inovativa. Anche per questo passa la differenza italiana” (ESPOSITO, 2010, p. 23). Esposito leva em consideração um vasto número de autores italianos que lidaram, principalmente na literatura, com a unificação da Itália. Esposito interpreta esse fenômeno como um aspecto “retórico e literário (retorico e letterario)” (ESPOSITO, 2010, p. 21, tradução nossa), e não meramente político.

<sup>52</sup> “In questa sintetica descrizione, è l’originaria pluralità e la finale estroversione della riflessione italiana” (ESPOSITO, 2010, p. 16).

<sup>53</sup> Tais como verdade, falsidade etc.

esse aspecto da desterritorialização como “geofilosofia” (ESPOSITO, 2010, p. 27), campo esse que visa testerritorializar o pensamento como critério de identidade de um local geograficamente determinado, mostrando que, seja lá qual a localização geográfica na qual o sujeito está inserido, isso não constitui condição absoluta e restritiva para o fazer filosófico. Enquanto a ideia de territorialização amplia a concepção da representação de uma identidade do pensamento atrelada a um determinado local e, muitas vezes, reforçando elementos nacionalistas. O pensamento italiano possuiria um aspecto vivo graças a sua perspectiva de assimilar e repensar questões trazidas de outros locais, o que configura o seu aspecto desterritorializante. Um exemplo disso seria que a “filosofia italiana antecipou as mais significativas porções do pensamento europeu e, por outro lado, ela foi levada a um ponto de síntese que a reencontra com as suas origens renascentistas” (ESPOSITO, 2010, p. 20, tradução nossa)<sup>54</sup>. A filosofia italiana não seria meramente um deslocamento geográfico de um local a outro. Finalmente, “a filosofia italiana não se reduz ao seu próprio papel nacional, mas encontra a sua razão mais autêntica precisamente na distância dele” (ESPOSITO, 2010, p. 20, tradução nossa)<sup>55</sup>. O pensamento italiano não necessitou e nem necessitaria falar de uma problemática conceitual como “nação” para ser capaz de fazer filosofia.

## 2 FILOSOFIA ITALIANA: A TENSÃO ENTRE A RAZÃO “PURA” E RAZÃO “IMPURA”

Para falar de uma especificidade do pensamento italiano, Bodei destaca o aspecto da razão. Qual o conceito de razão utilizado pelo pensamento italiano? Em que medida ele se diferencia, por exemplo, da concepção de razão em Hobbes<sup>56</sup> ou mesmo em Kant<sup>57</sup>? Para mostrar essa

<sup>54</sup> “Filosofia italiana starebbero da un lato nell’aver anticipato il tratto piú significativo del pensiero europeo, dall’altro nell’averlo portato a sintesi in una forma che lo ricongiunge alla propria matrice rinascimentale” (ESPOSITO, 2010, p. 20).

<sup>55</sup> “La filosofia italiana non è riducibile al proprio ruolo nazionale, ma trova la sua ragione piú autentica precisamente nella distanza da esso” (ESPOSITO, 2010, p. 20).

<sup>56</sup> Em Hobbes, a razão é meramente um cálculo de meios e fins, acerca dessa discussão (v. O Leviatã, ou matéria, forma e poder de um Estado Eclesiástico e Civil (1651), cap. V). Escolhemos esse filósofo por se tratar de uma concepção de razão paradigmática na história da filosofia. Atualmente, o modelo de razão hobbesiano remete aos modelos computacionais da mente presentes na filosofia da mente funcionalista (v. PUTNAM, 1967 e BRADDON-MITCHELL, 2006).

<sup>57</sup> Escolhemos este filósofo a fim de ilustrar uma concepção de razão que será desenvolvida posteriormente no Idealismo Alemão. Para Kant, a razão aparece com dois significados. O primeiro, em um sentido negativo, como uma capacidade de colocar-se perante um tribunal a fim de se investigar os objetos pelos quais ela pode conhecer. O segundo, em aceção positiva, como uma capacidade espontânea da razão de produzir conceitos

especificidade do conceito de razão no pensamento italiano, Bodei aponta uma tendência em Maquiavel da tensão entre o particular e universal:

O que caracteriza a filosofia italiana, e o que se reflete em sua rede de conceitos, estilos e investigação, e a sua linguagem, é de acordo com Maquiavel - o fato de que não é uma simples busca pela verdade lógica, mas sim pela efetiva verdade da coisa (“*verità effettuale della cosa*”) (BODEI, 2004, p. 517, tradução nossa)<sup>58</sup>.

É possível constatar em Maquiavel que a filosofia italiana lida com a tensão entre diferentes elementos: “entre a tradição e a inovação, entre a opacidade da experiência histórica e a sua transcrição em imagens e conceitos, entre a impotência das leis morais e a implacável natureza do mundo, entre pensamento e experiência vivida” (BODEI, 2004, p. 517, tradução nossa)<sup>59</sup>. Em Bodei, a razão na filosofia italiana se coloca em uma tensão entre conceitos contrários e, às vezes, até opostos. Isso é chamado pelo filósofo de razão impura (BODEI, 2004), como contraponto a razão pura de Immanuel Kant que visa dar ordenamento categorial à experiência possível.

O conceito de razão impura visa justificar que a filosofia italiana não nega um determinado modelo de racionalidade completamente amplamente aceito pela metafísica tradicional, como a razão pura de Immanuel Kant, mas sim assume uma forma de descrição e operação da razão distintas. A razão impura “leva em conta os condicionamentos, as imperfeições, e as possibilidades do mundo” (BODEI, 2004, p. 517, tradução nossa)<sup>60</sup>, ou seja, uma razão impura trabalha com questões que foram abandonadas pelas perspectivas filosóficas tradicionais. Desse modo, o pensamento italiano tornou possível a concepção de que os seres humanos não eram “animais que não eram apenas dotados com razão, mas também que nutriam desejos e formulavam projetos” (BODEI, 2004, p. 516, tradução nossa)<sup>61</sup>. A esfera da racionalidade humana, no pensamento

---

que regulam a investigação acerca dos objetos. Acerca dessa questão, (v. Crítica da Razão Pura (1788): Prefácio à primeira edição (A VII), Prefácio à segunda edição (B VII), Dialética Transcendental (B 349) e Cânon da Razão Pura (B 823)).

<sup>58</sup> “What characterizes Italian philosophy, and what is reflected in its network of concepts, the styles of its research, and its language, is—to quote Machiavelli—the fact that it does not simply search for logical truth, but rather the “*verità effettuale della cosa*” (effective truth of the thing)” (BODEI, 2004, p. 517).

<sup>59</sup> “Between tradition and innovation, between the opacity of historical experience and its transcription in images and concepts, between the powerlessness of moral laws and the implacable nature of the world, between thought and lived experience” (BODEI, 2004, p. 517).

<sup>60</sup> “Into account the conditioning, the imperfections, and the possibilities of the world” (BODEI, 2004, p. 517).

<sup>61</sup> “Animals who not only were endowed with reason but who also nurtured desires and formulated projects” (BODEI, 2004, p. 517).

italiano acolheu também esses aspectos outros que nem sempre são descritos como positivos ou mesmo significativamente atuantes.

Esposito se aproxima dessa concepção de razão impura visto acima, pois “Remo Bodei foi capaz de falar da ‘razão impura’, vale dizer não voltada para si mesma, aberta às influências dos homens e às forças das coisas” (ESPOSITO, 2010, p. 13, tradução nossa)<sup>62</sup>. A razão apresentada pelo pensamento italiano parte de uma razão impura, o que lhe configura um êxito, pois não recai também nos problemas<sup>63</sup> tradicionais da filosofia moderna. A filosofia italiana, mediante a sua relação com o elemento impuro ou não filosófico, pôde “ultrapassar os seus próprios confins, mas através deste excedente que lhe possibilitou atingir um horizonte que, do contrário, ficaria impedida” (ESPOSITO, 2010, p. 13, tradução nossa)<sup>64</sup>. A acusação aqui é de cisão entre facetas da razão, mesmo durante a filosofia moderna.

De acordo com a leitura de Esposito, filósofos como Hobbes e Descartes<sup>65</sup> estabeleceram modelos para a separação entre a razão e a não razão<sup>66</sup>, na qual esta última representaria uma ameaça ao próprio conceito de razão.

O pressuposto que lhes possibilita um novo saber é a construção de um limite - antropológico, epistemológico, institucional – que os protege de qualquer aspecto de originário não dominável pela razão e que aparece de fato como intimidador no seu confronto (ESPOSITO, 2010, p. 24, tradução nossa)<sup>67</sup>.

O pensamento italiano, portanto, não estabeleceu tal cisão entre razão e não razão, pelo contrário, os elementos que não são definidos sob o aspecto da razão, ou seja, os elementos impuros, indicados por Esposito como experiência vivida e cotidiana, não se separam das

<sup>62</sup> “Remo Bodei ha potuto parlare di “ragione impura”, vale dire non ripiegata su se stessa, aperta ai condizionamenti degli uomini e alla forza delle cose” (ESPOSITO, 2010, p. 13).

<sup>63</sup> Esses problemas apontados por Esposito se referem ao solipsismo de matriz cartesiana e a autorreferência da consciência, essas duas questões recaem em uma antinomia, v. Roberto Esposito, *Pensiero vivente: origine e attualità della filosofia italiana*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi. 2010.

<sup>64</sup> “Oltrepassare i propri confini, ma attraverso tale eccedenza riesce ad attingere un orizzonte che altrimenti le resterebbe precluso” (ESPOSITO, 2010, p. 13).

<sup>65</sup> “Basta olhar para a atitude com que Descartes e Hobbes fundaram o seu próprio discurso mais sobre a separação da experiência comum ou natural, para apreender toda a distância de suas perspectivas” (ESPOSITO, 2010, p. 24, tradução nossa). No original, “Basta volgere lo sguardo all’atteggiamento com cui Cartesio e Hobbes fondano il proprio discorso sulla separazione piú netta dall’esperienza comune o naturale, per cogliere tutta la distanza dalle loro prospettive” (ESPOSITO, 2010, p. 24).

<sup>66</sup> O elemento deixado de lado pela investigação filosófica tradicional.

<sup>67</sup> “Il presupposto che per quelli rende possibile il nuovo sapere è la costruzione di una soglia – antropologica, epistemologica, istituzionale – che metta al riparo da qualcosa di originario non dominabile dalla ragione e anzi minaccioso nei suoi confronti” (ESPOSITO, 2010, p. 24).

operações formais da razão humana. A experiência vivida e a razão mantêm uma relação recíproca e são uma e mesma coisa. Portanto, a filosofia italiana moderna se colocaria em um aspecto distinto da filosofia do cogito de Descartes ou da filosofia transcendental de Kant, de modo que “a reflexão italiana se mostra invertida e como revirada, no mundo da vida histórico e político” (ESPOSITO, 2010, p. 12, tradução nossa)<sup>68</sup>. Na filosofia italiana, não há um léxico autorreferencial como modo de fazer filosofia, mas um modo de suscitar a reflexão e solicitar que ela saia desse âmbito da interioridade, “o conteúdo do pensamento italiano é aquele que pressiona seu exterior, solicitando-o, de alguma forma a sair de si mesmo e a olhar para o espaço de fora” (ESPOSITO, 2010, p. 13, tradução nossa)<sup>69</sup>, a filosofia desenvolvida na Itália seria apta a ultrapassar as fronteiras desse modo reflexão taxada aqui de solipsista. Para Bodei, na filosofia italiana a razão vai ao mundo da efetividade concreta, mas isso não significa também um abandono da abstração:

Embora essas filosofias não estavam interessadas no conhecimento do absoluto, do imutável, ou das normas que não possuem exceção, elas certamente não abandonaram a busca pela verdade, e não são dadas absolutamente ao ceticismo e ao relativismo. Pelo contrário, a grande tradição da filosofia italiana não deixou de lado a esperança pela existência da verdade, ou da possibilidade de alcançá-la (BODEI, 2004, p. 517, tradução nossa)<sup>70</sup>.

Os filósofos italianos também se ocuparam da busca pela verdade. A questão é uma busca pela verdade sob um aspecto distinto. Bodei cita novamente Dante para mostrar tal preocupação e para também tentar se amparar objetivamente. Algo que não parece ser muito bem trabalhado pelo autor, infelizmente. Dante se ocuparia da existência da verdade, que só pode ser expressa através da língua vulgar e como essa língua se encontra em todos os locais (não regional, territorial) e, ao mesmo tempo, não habitaria em nenhum deles<sup>71</sup>. De acordo com Esposito, Dante foi “capaz de prover o desenvolvimento de um pensamento que é universalmente válido, precisamente, na medida em que, é capaz de incorporar gramáticas de origens diferentes amalgamando-os em uma

<sup>68</sup> “La riflessione italiana si presenta rovesciata, e come estroflessa, nel mondo della vita storica e politica” (ESPOSITO, 2010, p. 12).

<sup>69</sup> “Il contenuto del pensiero italiano è ciò che preme al suo esterno, sollecitando-lo in qualche modo a uscire da sé per affacciarsi sullo spazio del fuori” (ESPOSITO, 2010, p. 13).

<sup>70</sup> “Although these philosophies are not interested in the knowledge of the absolute, of the immutable, or of norms that have no exception, they certainly do not abandon the search for truth, and are absolutely not given over to skepticism and relativism. On the contrary, the great tradition of Italian philosophy has never given up hope of the existence of a truth, or of the possibility of attaining it” (BODEI, 2004, p. 517).

<sup>71</sup> “A linguagem que buscamos e que se encontra em qualquer cidade e não reside em nenhuma” (DANTE, 1957, p. 82).

única mistura” (ESPOSITO, 2010, p. 19, tradução nossa)<sup>72</sup>. Ou seja, a linguagem possui um elemento transcendente, escapando a uma localidade específica. Assim como a língua ilumina, a verdade também dispersa as trevas do engano. Somente a verdade traz consigo a palavra (linguagem). De acordo com Bodei, “a filosofia italiana sempre manteve a tensão entre episteme e práxis, entre o conhecimento do que não pode ser outro do que é, e do conhecimento do que pode ser diferente do que é e entre a priori e a posteriori” (BODEI, 2004, p. 517, tradução nossa)<sup>73</sup>, esses conhecimentos não se restringiram a aplicações de escrita filosófica, mas também elaboraram o uso conceitual para a aplicação prática, tanto para prover melhores condições de vida aos seres humanos quanto para estender os limites da ciência mediante o uso e elaboração de equipamentos. De acordo com o argumento de Bodei, a filosofia italiana não tentou solucionar essas tensões, mas as manteve como a sua característica própria.

Outro aspecto característico da filosofia italiana, na visão de Bodei, é o da relação entre as máquinas e os seres humanos. Durante o século XVI, Galileu Galilei foi um grande expoente da astronomia e da física na Itália. Galileu não apenas se debruçou na observação dos corpos celestes, mas também se interessou pela dicotomia entre as máquinas que servem para aperfeiçoar as práticas humanas e “a experiência vivida” (BODEI, 2004, p. 526, tradução nossa)<sup>74</sup> dos próprios seres humanos. “Com Galileu, percebemos que comandamos a natureza por obedecê-la, que ela não pode ser maltratada e que a maior responsabilidade da mecânica não é a de nos surpreender” (BODEI, 2004, p. 527, tradução nossa)<sup>75</sup>. Podemos perceber a preocupação de Galileu com uma sacralidade da natureza e que esta não deve ser totalmente desvelada aos seres humanos. Como os seres humanos criam as máquinas, estas devem obedecer aos seus comandados, não havendo margem para uma autonomia das próprias máquinas, algo que poderia trazer problemas a vida humana tal qual a conhecemos. Essa é uma questão interessante que pode ser apropriada para as discussões recentes acerca da Inteligência Artificial e as suas consequências éticas para o futuro da humanidade, tais como, a substituição de determinados ofícios por máquinas, seja parcialmente ou

<sup>72</sup> “A fornire allo sviluppo di un pensiero universalmente valido proprio perché capace di includere, amalgamandole in un’unica miscela, grammatiche di provenienza diversa” (ESPOSITO, 2010, p. 19).

<sup>73</sup> “Italian philosophy has always maintained the tension between epistêmê and praxis, between the knowledge of what cannot be other than what it is, and the knowledge of what can be different to what it is, between the a priori and the a posteriori” (BODEI, 2004, p. 517).

<sup>74</sup> “Lived experience” (BODEI, 2004, p. 526).

<sup>75</sup> “With Galileo, we begin to realize that we command nature by obeying it, that it cannot simply be mistreated and that the main responsibility of mechanics is not to astonish us” (BODEI, 2004, p. 527).

não. O ChatGPT<sup>76</sup>, por exemplo, está trazendo à tona questões como as da educação de jovens e crianças por máquinas, da possibilidade de elaboração de notícias completamente falsas (*fakenews*), dentre outros. Galileu mostrava uma preocupação análoga a que descrevemos acima, mas de um ponto de vista positivo, no qual o futuro da “força de trabalho humana, na forma de puro dispêndio de energia não é mais indispensável, enquanto [...] as máquinas irão, daqui em diante, substituir a falta de inteligência das forças naturais e animais que gastam energia” (BODEI, 2004, p. 527, tradução nossa)<sup>77</sup>. Em suma, nesse aspecto da filosofia italiana descrita por Bodei, podemos vislumbrar questões éticas completamente atuais, desse modo, essa especificidade do pensamento italiano foi capaz de inserir discussões a frente do seu tempo.

Para Esposito, a filosofia italiana pode ser classificada como cosmopolita graças a dois aspectos: i) a desterritorialização do pensamento italiano sempre esteve em contato frequente com outros povos e culturas; ii) a unificação tardia dos territórios que hoje compõem a Itália, forneceu condições interessantes para o desenvolvimento intelectual de autores como Maquiavel, Bruno, Campanella e Galileu (ESPOSITO, 2010), os quais trazem em suas reflexões maior liberdade poética e retórica do que os pensadores da “França, Espanha, Inglaterra” (ESPOSITO, 2004, p. 22, tradução nossa)<sup>78</sup>. “O caráter mais intensamente geofilosófico da cultura italiana está em uma terra que não coincide com a nação e com a sua constituição” (ESPOSITO, 2010, p. 22, tradução nossa)<sup>79</sup>, portanto, esse é um elemento importantíssimo acerca da característica própria da filosofia italiana. Essa falta de unificação também possuiu consequências históricas constatáveis, para Esposito, por exemplo, “a transição das vilas medievais para as cidades, no início do Humanismo e do pleno Renascimento, não deu origem a nada comparável com um território unido pela única vontade política” (ESPOSITO, 2010, pp. 23-24, tradução nossa)<sup>80</sup>. A desterritorialização é, portanto, o elemento característico do pensamento italiano e do fazer filosófico italiano que nunca se pretendeu a se colocar como restrito apenas por se situar em um local determinado.

<sup>76</sup> Website que utiliza a Inteligência Artificial para responder questões.

<sup>77</sup> “The force of human labor, in the form of a pure expenditure of energy, is no longer indispensable, whereas (...) machines will henceforth substitute for the lack of intelligence of natural forces, and of animals that expend energy” (BODEI, 2004, p. 527).

<sup>78</sup> “Francia, Spagna, Inghilterra” (ESPOSITO, 2010, p. 22).

<sup>79</sup> “Il carattere piú intensamente geofilosofico della cultura italiana sta in una terra che non coincide con la nazione e che anzi si costituisce” (ESPOSITO, 2010, p. 22).

<sup>80</sup> “Il passaggio dai comuni medioevali alle città del primo Umanesimo e poi del pieno Rinascimento non produce nulla di assimilabile a un territorio unido da un’unica volontà politica” (ESPOSITO, 2010, pp. 23-24).

### 3 CONCLUSÃO

Neste trabalho foi desenvolvida a especificidade do pensamento italiano em dois filósofos a partir das suas interpretações acerca da linguagem. Em Bodei, a linguagem opera a tensão entre particular e universal e a filosofia italiana se beneficiaria de um uso lexicográfico da linguagem<sup>81</sup>. Para Bodei, a acessibilidade do uso dos termos e a preocupação de se expandir o debate para um público de pensadores mais amplo é o que configura o pensamento italiano. Outra especificidade do pensamento italiano seria a discussão acerca da linguagem, que assume elementos como a vida, a história e a política. Tanto Bodei quanto Esposito, a linguagem assume como paradigma da relação entre conhecimento e aspectos da vida humana, tais como aspectos históricos e políticos do que comumente chama-se de mundano. Já o conceito de razão, na filosofia italiana, mostra elementos constituintes da linguagem e se comporta de um modo distinto dos demais modelos filosóficos. Essa interpretação é assumida por Bodei e por Esposito. Em Bodei, a interpretação de que a razão na filosofia italiana não se comporta como uma filosofia da “interioridade”, ou seja, apenas como uma filosofia pura da consciência. O elemento puro estabelece uma relação com o mundo impuro, do qual fazemos parte. Esposito concorda com essa ideia de Bodei de que a filosofia italiana não se foca somente num modelo formal de razão tomada como pura. A razão tem de ser assumida como também impura, por levar em conta aspectos cotidianos, mundanos, na sua maneira de operação.

---

<sup>81</sup> Mediante um uso da linguagem poética, sem se perder a busca por objetividade.

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI. D. *Da linguagem vulgar*. Obras Completas de Dante. Trad. Nicholas G. Ruiz, Giovanni M. Bertini e José Luiz. São Paulo: Editora das Américas. 1957.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro. 2018.
- BERKELEY. G. *Obras Filosóficas*. Tradução, apresentação e notas de Jaimir Conte. São Paulo: Editora Unesp. 2010.
- BODEI. R. Italian. *A philosophy for Nonphilosophers too*. Dictionary of Untranslatables. A philosophical lexicon. Edited by Barbara Cassin. Princeton University Press. 2004.
- BRANDON-MITCHELL. D. & JACKSON. F. *Philosophy of Mind and Cognition: An Introduction*. Chichester, United Kingdom: Wiley-Blackwell. 2006.
- CARNAP. R. *The Logical Structure of the World and Pseudoproblems in Philosophy*. Trad. Rolf A. George. University of California Press. 1967.
- DESCARTES. R. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Trad. Fausto Castilho. Editora UNICAMP: Campinas. 2004.
- ESPOSITO. R. *Il pensiero vivente. Origine e attualità della filosofia italiana*. Torino: Piccola Biblioteca Einaudi. 2010.
- FRANCHI. S. *Living thought and living things on Roberto Esposito's Il pensiero vivente*. Res Publica: Revista de Filosofia Política, n. 29, p. 19-33. 2013. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/RPUB/article/download/47890/44807>>. Acessado em 02/03/2022.
- HOBBS. T. *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de uma República Eclesiástica e Civil*. Trad. João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva, Eunice Ostrensky. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2019.
- KANT. I. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Fernando Costa Mattos. Petrópolis: Editora Vozes. 2015.
- KANT. I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad. Guido Antônio de Almeida. São Paulo: Barcarolla. 2009.
- KANT. I. *Kants gesammelte Schriften*. Hrsg. von der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften. Bd.III. Berlin und Leipzig: Walter de Gruyter, 1928.
- PUTNAM. H. *The Mental Life of Some Machines*. Intentionality, Minds and Perception. Edited by Hector-Neri Castaneda. Wayne State University Press. 1967.
- ROUSSEAU. J. J. *Do Contrato Social ou Princípios do Direito Público*. Trad. Eduardo Brandão. Penguin. 2011.
- QUINE. W. van O. *De um ponto de vista lógico: nove ensaios lógico-filosóficos*. Trad. Antonio Ianni Segatto. Marília: Editora Unesp. 2011.
- WITTGENSTEIN. L. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp. 2017.

